

Questões de Ética

A radiografia do sistema de saúde no Brasil fica cada vez mais nítida. Os hospitais públicos têm dificuldade de sair da crise depois de longos anos de procedimentos viciados porque perderam a noção da prestação de serviço público. Os médicos, pressionados pelos reclamos da sociedade, escudam-se no *esprit de corps* atrás do qual costumam defender seus empregos sem nada oferecer em troca. E o público é a vítima do sistema que nasceu torto e continua torto.

Agora mesmo, fornecendo um exemplo que se tornou regra geral, uma sindicância da Secretaria Estadual de Saúde concluiu que houve negligência de médicos dos hospitais Rocha Faria e Pedro II no caso da morte de uma menina há pouco mais de um mês. Mas o caso ainda vai a outra instância, o Conselho Regional de Medicina, que costuma concluir o contrário, isto é, que a culpa pelas irregularidades é do sistema e não dos médicos.

Além disso, caracterizando ainda mais a trama subjacente a qualquer investigação envolvendo médicos feita pelos próprios médicos, o diretor do Rocha Faria informa que fez sua própria investigação e concluiu que não houve nem negligência nem omissão de socorro. É o tipo da conclusão que chega antes do fim e inscreve um *happy end* favorável a uma das partes à revelia da lógica e do bom senso. À outra parte, à menina morta de pneumonia, cabe a humilhação da morte e provavelmente a culpa por ter ficado doente e levada a um hospital público.

As sindicâncias dos últimos tempos, sob o foco das visitas de surpresa do ministro da Saúde aos hospitais e da divulgação de fatos desagradáveis pela imprensa, multiplicam-se de Norte a Sul, mas as punições são mínimas, inexistentes. De tudo que se pode observar, principalmente do fato de que os médicos estabeleceram uma intensa rede de cobertura ao não-trabalho, resta a conclusão de que o atendimento nos hospitais públicos não

podará melhorar enquanto os próprios médicos não mudarem sua mentalidade.

Outras categorias, no serviço público, podem querer justificar sua abstinência ao trabalho pelos baixos salários, o que não é verdade em muitos casos, pois alguns dos maiores salários deste país estão exatamente no serviço público. Mas a falta ao trabalho, que nas outras profissões ocasiona a queda da produtividade, no serviço médico ocasiona a morte dos pacientes. Eis o grave da situação.

Há poucos dias, quando um aposentado, mesmo com a intervenção do ministro da Saúde, morreu por omissão de socorro no Hospital da Posse, na Baixada Fluminense, o ministro, além de ordenar a apuração de responsabilidade, determinou que todos os médicos lotados no Hospital voltassem a trabalhar em seus postos (referindo-se aos 279 que fizeram concurso em 1981 e 1984, para ali trabalhar, e depois se transferiram para outros locais, melhor situados). Aí está uma coisa difícil de fazer no sistema médico tal como ele existe atualmente, pois os médicos pensam nos próprios interesses e jamais se preocupam com a população que têm a obrigação de servir.

O espírito corporativo dos médicos atingiu o clímax quando o *JORNAL DO BRASIL* publicou no meio da semana a lista dos médicos lotados no Hospital da Posse, o que foi interpretado por eles como um "terrorismo verbal", para eles inaceitável. A morte dos doentes, a omissão de socorro, a incompetência generalizada nos hospitais, tudo isso e muito mais pode ser considerável aceitável, num clima de desvario total da saúde pública. Mas a publicação da lista não é aceitável, numa inversão dos valores éticos e humanitários.

A solução para a doença da saúde pública, no entanto, é simples. E ela começará a ocorrer quando cada médico voltar ao seu trabalho, cumprir o horário estabelecido, salvar vidas humanas e contribuir para o equacionamento de problemas que jamais deveriam existir se a ética médica fosse cumprida à risca.